

Uma intersecção sensível: um relato sobre o espaço dxs LGBTQ+ e negrxs na academia¹

Armando de Jesus do Nascimento JÚNIOR²

Leandro Silva BARBOSA³

Cristiane TURNES Montezano⁴

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, MG

RESUMO

Este artigo tem como objetivo fazer um relato de experiência acerca da produção da revista laboratório Periscópio, da Faculdade de Comunicação da UFJF. Para isso, levantou-se dados sobre a presença (ou não) de negrxs e LGBTQ+ na mídia tradicional, sobre as violências cometidas contra essas comunidades, bem como de que maneira se dá o acesso ao ensino superior e ao mercado de trabalho. Através de depoimentos, faz-se aqui um relato acerca da presença desse público dentro e fora dos espaços acadêmicos, sobre representatividade e empoderamento.

PALAVRAS-CHAVE: LGBTQ+; Negrxs; Mídia; Representatividade.

1. INTRODUÇÃO

Desde seu descobrimento, notadamente o Brasil convive com a perseguição a grupos socialmente vulneráveis. Do século XVI aos dias de hoje, dos colonizadores aos governos atuais, é notório o abismo entre as populações. Se lá atrás existia uma desigualdade entre os europeus e os índios, passando aos senhores de engenho e aos escravos, hoje tal semelhança atinge outro nível. De um lado, um grupo privilegiado, notadamente formado por brancos e ricos e, de outro, comunidades marginalizadas compostas por negros e pobres.

¹ Trabalho apresentado na IJ 07 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 7 a 9 de junho de 2018.

² Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Jornalismo da FACOM-UFJF, e-mail: junior.armando@outlook.com

³ Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Jornalismo da FACOM-UFJF, e-mail: lsb.leobarbosa@gmail.com

⁴ Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Jornalismo da FACOM-UFJF, e-mail: turnescris@gmail.com

De acordo com o “Atlas da Violência”, de 2017, a população negra é a principal vítima de mortes violentas no Brasil. A cada 100 homicídios registrados no país, 71 são de pessoas negras. O levantamento do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) mostra que negros e negras possuem 23,5% mais chances de serem mortos do que indivíduos de outras raças.

Apesar de compor mais da metade da população brasileira (cerca de 54%)⁵, os negros ainda ocupam papel secundário na sociedade. Do mercado de trabalho aos cargos públicos, pretos e pardos, pela denominação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), são sub-representados nos espaços públicos e privados. Analisando o perfil das maiores empresas do Brasil⁶, constata-se que negros ocupam apenas 4,7% dos cargos de poder dentro das corporações. Esse cenário pouco muda quando é analisado o espaço ocupado por negros no setor público federal. Levantamento do Ipea⁷, de 2012, mostrou que a parcela de vagas ocupadas por essa população não ultrapassou 16,6% em alguns postos, enquanto brancos chegam a ocupar 94% dos cargos em determinados setores avaliados.

A presença de negros no mercado de trabalho, bem como a ocupação de vagas no setor público, deve ser compreendida a partir da raiz do problema. Sem desconsiderar a raiz histórica, isto é, a escravidão; a soltura em 1888 uma vez que não houve nenhuma forma de inserir esse grupo na sociedade, restando a ele ocupar os espaços geográficos à margem dos espaços urbanos; o processo de embranquecimento da população e o movimento eugenista no Brasil, é preciso avançar na análise do contexto social do país. Não se pode prosseguir nessa discussão sem antes admitir que “parte” dessa disparidade entre brancos e negros está relacionada ao acesso desigual à formação educacional dessas populações.

⁵ Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2016 (PNAD-C), divulgadas pelo IBGE em novembro de 2017.

⁶ Levantamento “Perfil social, racial e de gênero das 500 maiores empresas do Brasil e suas ações afirmativas” organizado pelo Instituto Ethos em colaboração com o Banco Interamericano de Desenvolvimento, divulgado em maio de 2016, disponível em https://issuu.com/institutoethos/docs/perfil_social_tacial_genero_500emp

⁷ Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), organizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), de 2012.

Dados⁸ do IBGE, de 2015, indicam que desde 2005, ano de implementação de ações afirmativas, como o sistema de cotas, o percentual de negros no ensino superior mais que dobrou. Em dez anos, o número de pretos e pardos com idade entre 18 e 24 anos passou de 5,5% para 12,8%. No entanto, apesar desse crescimento, o número corresponde a menos da metade dos jovens brancos com a mesma oportunidade.

1.1. Intersecção rosa

Assim como a população negra, a comunidade LGBTQ+ também é um grupo social que sofre com a violência no país. Segundo um levantamento feito pelo Grupo Gay da Bahia (GGB)⁹, em 2017, 445 LGBTQ+ foram mortos em crimes motivados por lgbtfobia. Segundo o estudo, a cada 19 horas é registrada uma morte de LGBTQ+ no Brasil. Se compararmos ao número registrado em 2016, houve um crescimento de 30% nos casos de mortes violentas de dessa comunidade. Isso representa o maior registro de mortes relacionadas à homofobia desde que o levantamento começou a ser feito pelo grupo há 38 anos. O GGB também mantém o site *Homofobia Mata* que registra os homicídios contra LGBTQ+ e, em 2018, o número já chega à 126 mortes violentas no Brasil. A maior parte dessas mortes, cerca de 56%, ocorreram em vias públicas por tiros, facadas, asfixia, espancamento e outras causas violentas.

Quando além de fitar o olhar na questão negra, também nos fixamos na questão das sexualidade, mais especificamente nas homossexualidade masculinas; que são diversas, da mesma forma que as negritudes também são; entramos em outro revés. A identidade sofreu transformações desde a antiguidade e, com a modernidade, deixou de ser estável e passou a sofrer diversas fragmentações, sendo compostas agora por diversas identidades, como

⁸ Volume da Síntese de indicadores sociais divulgada em 2016 pelo IBGE. Consta de uma análise das condições de vida da população brasileira nesse ano, com indicadores que sistematizam um conjunto de informações sobre a realidade social do país, a partir de temas de relevância como demografia, famílias, educação, trabalho, distribuição de renda e domicílios.

⁹ Grupo Gay da Bahia é uma Organização Não-Governamental fundada em 1980. É a entidade brasileira mais antiga voltada à defesa dos direitos da população LGBTQ+ no Brasil. O levantamento feito pelo Grupo há 38 anos se baseia principalmente em informações veiculadas pelos meios de comunicação.

parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social (HALL, 2001, p.7).

Carregar essas duas identidades sociais (negra e LGBT+) faz com esses indivíduos estejam mais expostos às violações, uma vez que

O racismo e a homofobia não operam da mesma maneira e com a mesma intensidade. É possível supor que, nas experiências de gays afeminados, viados e bichas, o racismo pode ser o destaque, enquanto que a homofobia pode ser o destaque na vida de outros.(...) No entanto, esses dois marcadores estarão presentes ao longo de suas vidas, como uma sombra que muda de tamanho e de forma à medida que se move (OLIVEIRA, 2017, p. 35).

O perigo reside justamente na “presunção comum nas sociedades ocidentais e ocidentalizadas que todos os negros são heterossexuais e que todos os LGBTTTTI são brancos. O negro gay, a lésbica negra... eles não existem” (MUNDELL, 2017, p. 4).

Se os dados das duas pesquisas [a da violência contra a população negra e a comunidade LGBT+] forem cruzados, é possível que pelo menos 12,6% das vítimas sejam negros e LGBT+. Contudo, a violência não é apenas física; é verbal e moral. Ela não só abrevia vidas, como também afeta o modo de essas pessoas exercerem seus direitos básicos, como a educação.

No Brasil - apesar dos avanços, como a conquista do casamento igualitário para gays e lésbicas e o direito ao uso de nomes sociais para pessoas trans -, não há nenhuma política pública que promova igualdade para pessoas LGBT+. Com a aprovação de planos de educação¹⁰ pelo país que excluem termos como gênero e/ou limitam o uso da palavra diversidade, está sinalizado que conquistar esse solo só será possível por meio de muita luta.

A exemplo dos planos de educação, temas relacionados à diversidade acabam ficando às margens dos debates. Com isso, apagam-se não só as discussões, mas as identidades. Pensar nessas perspectivas, da violência ao mercado de trabalho, passando

¹⁰ Nos últimos anos diversas cidades viraram notícia por apresentarem Planos de Educação restringindo a discussão quanto à diversidade e identidade de gênero nas escolas municipais. Em 2017, o Ministério da Educação (MEC) apresentou, num primeiro momento, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) com esses termos mas, por pressão de deputados ligados à bancada religiosa da Câmara, retirou, por exemplo, termos como “orientação sexual” da versão final do documento.

pelo acesso e permanência de negros LGBT+ no ensino superior, bem como no histórico de apagamento dessas populações, este artigo tomou para si o desafio de falar da negritude LGBT+ e revelar, por meio desse relato de experiência, parte da realidade diária de luta e resistência.

2. JUSTIFICATIVA

As comunidades negra e LGTB+, quando não invisibilizadas, apagadas e silenciadas, muitas vezes são sub-representadas e estereotipadas nos veículos de comunicação. Basta olhar para a programação diária da TV. Levantamento feito pelo coletivo “Vai da Pé”¹¹, em 2017, mostrou que apenas 3,7% dos apresentadores, dos 204 programas analisados, eram negros. Em números absolutos, eram 261 apresentadores brancos e apenas 10 negros na programação das principais emissoras de televisão brasileiras.

Historicamente a televisão brasileira reservou aos negros papéis de subalternidade na sua programação. Em seu principal produto, as telenovelas, os negros são comumente empregados em personagens subordinados ou estereotipados. Em 2004, a novela “Da Cor do Pecado” trazia a personagem principal Preta, vivida pela atriz Taís Araújo. O nome do folhetim fazia uma referência nítida à luxúria e ao proibido, imagens frequentemente impostas aos negros. Como indica Sodré (2001), existe no Brasil um “racismo midiático” perpetrado pelas empresas de comunicação que, a nível cultural, propagam modelos e isso ocorre a partir da visão de um grupo dominante.

O discurso construído pela grande mídia desenvolve papel central na produção e reprodução do preconceito e do racismo. As empresas de comunicação, política e institucionalmente, corroboram com o pensamento comum de uma elite, sobretudo branca, em detrimento de uma representação baseada na “desigualdade social pela cor da pele”. O efeito disso é uma representação embebida de estereótipos e que acaba por ignorar toda diversidade cultural presente no país. "Os negros são representados de

¹¹ A pesquisa “A Cor dos Apresentadores de TV no Brasil” foi organizado pelo coletivo de mídia independente Vai da Pé. O levantamento considerou a programação diária das principais emissoras de tv aberta: Cultura, SBT, Rede Globo, Rede Record, RedeTV!, Gazeta e Bandeirantes. O corpus da pesquisa foi de 272 apresentadores em 204 programas transmitidos entre 2016 e 2017.

maneira estereotipada como se isto fosse uma verdade dada a priori e aceita pela sociedade como justificativa para admitir que a inferioridade dos negros parece ser incontestável" (PEREIRA, 2001, p. 49).

Considerando o poder da mídia no que se refere à disseminação de práticas e (pré)conceitos, essa mobilização faz sentido uma vez que “as mensagens que a mídia produz e faz circular remetem a comportamentos partilhados e reconhecidos socialmente de forma a propor dada outra ordem social ou valorizar aquela já existente” (LYSARDO-DIAS, 2007, p. 29). É pensando nessa sub-representação que emergiu a necessidade de falar sobre essa temática.

3. MÉTODOS E CONTEXTOS

A *Periscópio* é uma publicação bimestral da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), no âmbito da disciplina Técnica de Produção em Jornalismo Impresso. Em sua edição número 4 (Anexo A), publicada em maio de 2017, a revista abordou, em sua reportagem principal, o tema “Negritude Gay (R)existe e ocupa o espaço acadêmico”. A matéria abordou as muitas negritudes e homossexualidades existentes dentro da instituição, bem como as inúmeras formas de resistência da comunidade gay e negra dentro da UFJF. Através de estatísticas sobre a violência contra essas populações, de crônicas e entrevistas, de um ensaio fotográfico e de depoimentos de gays negros, o periódico registrou a presença da negritude gay no ensino superior local e denunciou as violações, simbólicas ou não, aos direitos da comunidade.

Na busca por dados que quantificassem o número de pessoas negras e LGBTQ+ que trabalham ou estudam na Universidade Federal de Juiz de Fora, no processo de produção do periódico, deparou-se com a ausência dessas informações. Apesar de existirem dados aproximados em relação ao número de alunos negros - números esses que refletem parte da realidade, uma vez que nem todos os alunos pretos ou pardos entram pelo sistema de cotas ou se autodeclaram negros - não existe nenhum dado referente à comunidade LGBTQ+ dentro da universidade.

Partindo-se desse princípio, a reportagem principal da revista acadêmica abordou a temática através de sete pessoas entrevistadas, dos mais diferentes setores da Universidade. Buscou-se contemplar as inúmeras negritudes e homossexualidades a fim de tornar essa representação, ainda que por relatos, mais plural e diversa possível. Assim, cinco alunos, um técnico e um professor foram ouvidos.

A colheita de depoimentos utilizados para compor este relato de experiência ocorreu no primeiro semestre de 2017, por ocasião da produção da revista Periscópio e foi publicada no mês de maio desse mesmo ano.

Para a produção deste artigo, considerou-se a publicação nos seguintes aspectos: os dados sobre a violência foram colhidos e, quando possível, atualizados. Os depoimentos dos alunos, técnicos e professores foram destacados e recortados a fim de mapear em que medida os pontos de vista dos entrevistados se aproximavam ou não, considerando-se um histórico de violências, preconceitos e violações.

4. RESULTADOS

Os depoimentos evidenciaram um histórico de apagamento e negação das identidades dos entrevistados. Todos, em geral, mostraram marcas de uma formação arraigada de preconceitos, desde os anos iniciais da educação básica à faculdade, passando pelo mercado de trabalho. Algo comum para as duas comunidades, os entrevistados relataram histórias de discriminação, da família à religião. da escola à academia, das ruas aos espaços de socialização.

O espaço acadêmico se configurou, a partir dos relatos, como um lugar de dois gumes. Por um lado, um consenso de que este se torna um reduto onde “as tribos se encontram, se identificam e se fortalecem no enfrentamento às discriminações e fobias sociais”. Por outro, se apresenta como um terreno de disputa para ambos os grupos [negro e LGBTQ+], afinal trata-se de um ambiente ocupado majoritariamente por pessoas brancas, cis-gêneras e heterossexuais.

O processo de aceitação das identidades fez parte da construção desses indivíduos e tornou-se motivo de orgulho e afirmação. O jeito como se vestem, se

comportam, atuam e interagem significam um ato de resistência diante de um cenário basicamente heteronormativo e euro-centrado.

5. CONSIDERAÇÕES

Pensar em representatividade não é apenas considerar o que está sendo dito sobre algo ou alguém; é também observar as formas empregadas para dizer, os alvos aos quais se pretendem atingir e por quem esse discurso está sendo construído. Avaliando a ampla relevância da temática abordada; as urgentes discussões que o material suscita; as várias possibilidades de ressignificação do mesmo; bem como outras narrativas que podem emergir a partir dele, o processo e o resultado da produção possibilitou uma rica experiência pessoal, acadêmica, profissional e militante; tanto para os repórteres, que guardam proximidade com o relato, como para as demais pessoas que eventualmente tomaram contato com o trabalho.

A ausência de dados precisos dessa população evidenciam a necessidade de se falar sobre o assunto. É através desses números que se torna possível a construção de políticas públicas específicas para essa população. Políticas que garantam direitos por hora (re)negados e violados de diversas maneiras.

Os relatos são, portanto, um registro da presença das duas comunidades, negra e LGBT+ na Universidade Federal de Juiz de Fora. Ao se contrapor à ausência de dados, esses relatos se tornam-se registros da resiliência desses grupos, pelo simples ato de ingressarem, permanecerem, ocuparem e resistirem nesse espaço. É preciso denunciar esse apagamento, uma vez que ele contribui para as violações sofridas diariamente por essas comunidades.

BIBLIOGRAFIA

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHIMIDT, James W. **Masculinidade hegemônica: repensando o conceito**. Revista Estudos Feministas, v. 21, n.1, p. 241-282. Florianópolis, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2013000100014/24650>> . Acesso em 08/04/18.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução. Tomás Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LYSARDO-DIAS, Dylia. **A construção e a desconstrução dos estereótipos na sociedade brasileira**. Stockholm review of latin american studies. n°2 09/2007 p.25-35.

MUNDELL, John Andrew. **As masculinidades de homens negros gays em Salvador da Bahia**. Seminário Internacional Fazendo Gênero. 2013. Disponível em: <http://www.fg2013.wwwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373321880_ARQUIVO_FazendoGenero10Paper.pdf> . Acesso em: 08/04/18.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. **O diabo em forma de gente: (r)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação**. Curitiba, 2017. 190f. Tese. Universidade Federal do Paraná. Curitiba-PR, 2017.

PEREIRA, E. A.; GOMES, Núbia P. M. **Ardis da imagem: exclusão e violência nos discursos a cultura brasileira**. Belo Horizonte: Mazza Edições, Editora PUC Minas, 2001.

SODRÉ, M. **Claros e escuros. Identidade, povo e mídia no Brasil**. 2ª ed. Petrópolis. Vozes, 1999.

FERREIRA, Tiago. **O que foi o movimento de eugenia no Brasil: tão absurdo que é difícil acreditar**. Portal Geledés, julho de 2017. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/o-que-foi-o-movimento-de-eugenia-no-brasil-tao-absurdo-que-e-dificil-acreditar/>> . Acesso em: 24/04/18

COLETIVO VAI DA PÉ. **A Cor dos Apresentadores de Tv no Brasil**. Disponível em: <<http://vaidape.com.br/2017/06/pesquisa-apresentadores-negros-na-televisao/>> . Acesso em: 08/04/18.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). **Atlas da Violência**. 2017. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/170602_atlas_da_violencia_2017.pdf>. Acesso em: 07/04/18.

BRASIL. PL6.738/2013, de 26 de março de 2014. **Nota técnica, reserva de vagas para negros em concursos públicos: uma análise a partir do Projeto de Lei 6.738/2013**. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, Ipea. 2012. Disponível em: <http://ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota_tecnica/140211_notatecnicadisoc17.pdf.pdf>. Acesso em: 07/04/18.

BANCO INTERAMERICANO DE DESENVOLVIMENTO (BID) e INSTITUTO ETHOS. **Perfil social, racial e de gênero das 500 maiores empresas do Brasil e suas ações afirmativas**. Maio de 2016. Disponível em:

<https://issuu.com/institutoethos/docs/perfil_social_tacial_genero_500empr>. Acesso em: 07/04/2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2016..** Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/18282-pnad-c-moradores.html>>. Acesso em: 07/04/18.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Síntese de Indicadores Sociais, uma análise das condições de vida da população brasileira 2016.** Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv98965.pdf>>. Acesso em: 07/04/18.

Revista Periscópio. Número 4, ano 2. Maio de 2017. Faculdade de Comunicação, UFJF. Disponível em: <https://issuu.com/mergulhodiario/docs/perisc__pio> . Acesso em: 07/04/18.

GRUPO GAY DA BAHIA. **Homofobia Mata.** Disponível em: <<https://grupogaydabahia.com.br/2018/04/14/site-homofobia-mata-do-ggb-registra-126-mortes-violentas-em-2018/>> . Acesso em: 12/05/18.

ANEXO A - Capa da Revista Periscópio.

